

# EDUCAÇÃO

## Em meio ao cerrado, surgem as escolas

Outro depoimento interessante é de dona Sílvia Bastos Tigre, que na ocasião da mudança da capital para Brasília era assessora do ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado, e que atualmente ocupa o mesmo cargo, assessorando o ministro Ney Braga. Em 1959 veio para cá, com a incumbência de acompanhar a instituição da Rede Escolar de Brasília, integrar a Comissão de Planejamento do Sistema Educacional de Brasília - Caseb - "sigla, que posteriormente foi adotada para nome de uma das escolas da rede oficial".

— Meu trabalho consistia em acompanhar as construções escolares, participar da seleção dos primeiros professores e designar, de acordo com as residências, a localização das escolas dos filhos dos funcionários e parlamentares transferidos. É claro, que havia muita dificuldade de ordem material a ser resolvida, mas sempre encontramos por parte da Novacap, uma atenção muito grande que nos facilitava as coisas.

Conta que Brasília, naquela ocasião, nada mais era do que um simples e imenso canteiro de obras, e que o comércio era precaríssimo, atendendo somente às necessidades imediatas. "Era poeira por todo lado, terra forte, falta de meios de comunicação, nenhum conforto, mas o entusiasmo era tão grande que nos fazia vencer qualquer obstáculo ou sacrifício".

— Havia um relacionamento excepcional entre os que estavam aqui em Brasília, e todas as noites, depois que acabávamos de trabalhar, nos reuníamos no Hotel Brasília Palace, discutíamos os problemas e conversávamos sobre as dificuldades de cada um, tentando encontrar uma solução. Desses encontros nasceu o primeiro clube de Brasília: o Cota Mil. Como o ministério não tinha prédio próprio, cada um trabalhava em sua própria residência. Lá em casa, uma casinha precária, eu recebia professores, senadores, etc, pois ali tanto era a minha residência, como era o meu local de trabalho. Só depois de algum tempo é que o o ministério começou a funcionar aqui neste prédio.

Sílvia Bastos Tigre foi a primeira funcionária do Ministério da Educação e Cultura a ser transferida para Brasília, e isto constitui, para ela, num motivo de alegria. Vê Brasília, não como uma demonstração de trabalho arquitetônico maravilhoso, mas como uma mostra espetacular de integração de brasileiros, que é, para ela, a maior obra relacionada com a mudança da capital.

Aponta como "depoimento de um pioneiro", o fato de ser testemunha do grande desenvolvimento que a cidade teve nestes 17 anos e que na realidade só foi consolidado depois de 1964. Até então, segundo ela, a capital era uma mostra de insegurança e oscilação.

Quanto à Brasília dos dias de hoje, Sílvia Bastos Tigre diz que sente a vida aqui ainda muito artificial.

— Tudo vem pronto para cá, e a impressão que se tem é de que Brasília é um grande cenário, para onde cada um vem, cumpre o seu "papel", e depois sai de cena, voltando para seu lugar de origem. Ainda não houve tempo para a cidade formar a sua própria tradição e cultura, tudo é importado. Pioneiros existem muitos, mas pioneiros que residem aqui, até hoje, são pouquíssimos.